



## A generatividade do *habitus* do tradutor: empréstimos e estrangeirismos na tradução chinesa de *Terra sonâmbula*

The generativity of the translator's *habitus*: Loanwords and foreignisms in the Chinese translation of *Sleepwalking Land*

**Meng Yu**

Universidade Normal de Hebei  
Shijiazhuang, Hebei, China  
yumeng@hebtu.edu.cn

<https://orcid.org/0000-0002-3769-0979>

**Lili Han**

Universidade Politécnica de Macau  
Macau, China  
hanlili@mpu.edu.mo   
<https://orcid.org/0000-0002-8995-2301>

**Lola Geraldes Xavier**

Universidade Politécnica de Macau  
Macau, China  
Instituto Politécnico de Coimbra  
Coimbra, Portugal  
lolagrafias@gmail.com   
<https://orcid.org/0000-0003-0568-9583>

**Resumo:** A tradução das literaturas africanas em língua portuguesa para outros idiomas inicia-se por volta dos anos de 1950. À boleia desta tendência, autores como o moçambicano Mia Couto têm conquistado um número crescente de leitores e de estudos a nível mundial através da tradução literária. No entanto, os Estudos de Tradução sobre as obras traduzidas estão ainda na primeira etapa de desenvolvimento, com número reduzido de contribuições, em comparação com os estudos literários e linguísticos sobre as obras originais. Como contributo para essa área, desenvolveu-se um estudo sobre os empréstimos e estrangeirismos na tradução chinesa do romance de Mia Couto, *Terra sonâmbula*, realizada por Jin Xinyi (Couto, 2018). Diferente dos estudos da perspetiva linguística ou de teorias dos Estudos de Tradução clássicas e amplamente usadas, o nosso trabalho fundamenta-se no *habitus* (Bourdieu, 1990; Bourdieu & Wacquant, 1992), conceito-chave da abordagem sociológica de Pierre Bourdieu. Estrutura-se, assim, um diálogo interdisciplinar entre a tradução, a literatura e a sociologia. Por meio da análise da tradução chinesa dos empréstimos e

estrangeirismos em *Terra sonâmbula*, procura-se descrever a forma como se reflete a socialidade do tradutor. Confirmou-se que o *habitus* do tradutor pode ser ressignificado em duas dimensões: a historicidade e a generatividade, bem como um conjunto de subcategorias pormenorizadas. Desta forma, o *habitus* do tradutor é capaz de libertar alguns conceitos de dualismo (por exemplo: estrangeirização e domesticação, adequação e aceitabilidade), que enfatizam o único polo na tradução. Por outro lado, observou-se que uma solução tradutória pode refletir, ao mesmo tempo, vários *habitus* do tradutor.

**Palavras-chave:** *Terra sonâmbula*; tradutor literário; Pierre Bourdieu; *habitus*; historicidade e generatividade.

**Abstract:** Translating African literature in Portuguese into other languages began around the 1950s. Following this trend, authors such as the Mozambican Mia Couto have gained many readers and studies worldwide through literary translation. However, Translation Studies on translated works are still in the early stages of development, with fewer contributions compared to literary and linguistic studies on original works. As a contribution to this area, this work develops a study on loanwords and foreignisms in the Chinese translation of Mia Couto's novel *Sleepwalking Land*, completed by Jin Xinyi (Couto, 2018). Unlike studies from a linguistic perspective or classical and widely used Translation Studies theories, our study is based on *habitus* (Bourdieu, 1990; Bourdieu & Wacquant, 1992), a key concept in the sociological approach of Pierre Bourdieu. An interdisciplinary dialogue between translation, literature, and sociology is thus structured. By analyzing the Chinese translation of loanwords and foreignisms in *Sleepwalking Land*, we seek to describe how the translator's sociality is reflected. It was confirmed that the translator's *habitus* can be resignified in two dimensions: historicity and generativity, as well as a set of detailed subcategories. In this way, the translator's *habitus* is able to liberate some concepts of dualism (e.g. foreignization and domestication, adequacy and acceptability), which emphasize the single pole in translation. On the other hand, it was observed that a translation solution can reflect several of the translator's *habitus* at the same time.

**Keywords:** *Sleepwalking Land*; literary translator; Pierre Bourdieu; *habitus*; historicity and generativity.

## I. Introdução

O escritor moçambicano Mia Couto, a par com outros autores africanos da língua portuguesa, por exemplo, José Eduardo Agualusa, Pepetela, tem-se distinguido com os seus trabalhos no palco da literatura mundial desde o século passado (cf. Bucaioni, 2020). Apesar da tradução contínua para uma amplitude de idiomas, pouca atenção tem sido dada aos Estudos de Tradução destas literaturas, sobretudo no que se refere à tradução entre idiomas que se distanciam muito um do outro, como é o caso do português e o chinês. De entre os autores de destaque, até ao presente, o autor africano da língua portuguesa que desperta o maior interesse de tradução e de estudo académico na China é, sem dúvida, Mia Couto, objeto do presente estudo.

Os Estudos de Tradução começaram a dialogar com a ciência desde a introdução da abordagem linguística (cf. Nida, 1964 e outros), cujo conceito emblemático é a equivalência e o uso linguístico em contexto. Segue-se a “virada cultural”, que vê a tradução como uma atividade que



ultrapassa a única transformação linguística, pois “what is studied is the text embedded within its network of both source and target cultural signs” (Bassnett & Lefevere, 1990, p. 12). Apesar de continuar a ser polêmico e, a definição e o âmbito a que os contextos culturais se referem, após a “virada cultural”, as posições/preferências de várias origens têm a possibilidade de ser dadas, tanto ao tradutor quanto ao texto-alvo. Isto fez com que “research into ‘literary’ translation has become far less elitist, more comprehensive and more sensitive to broader cultural, social and political contexts” (Delabastita, 2010, p. 201). A aliança entre a tradução literária e a sociologia remonta ao século passado, através da teoria do polissistema (Even-Zohar, [1978]2000), da Teoria do Sistema Social (Tyulenev, 2012) e do sistema mundial de línguas (Casanova, [1999]2004; Heilbron, 1999), etc.

A abordagem sociológica tende a fornecer uma leitura do fenômeno da tradução a partir de perspectiva macroscópica, fazendo com que os Estudos de Tradução entrem no dualismo macroscópico e microscópico. Superada esta dicotomia, admite-se que o tradutor não é indivíduo plenamente subjetivizado nem fantoche à mercê de condições objetivas. Em vez disso, trata-se de uma existência que rompe a dualidade como elo entre quadro macrossociológico e micro textual. Este atributo de “estar no meio” do tradutor literário corresponde à teoria sociológica de Pierre Bourdieu cujo foco é “mainly on the relationship between the subject of the translator as a mediating cultural agent and the context in which she [the translator] functions” (Koster, 2014, p. 153). Sendo o conceito bourdieusiano mais amplamente aplicado a disciplinas adjacentes, o *habitus* permite a leitura de prática tradutória diacrônica de modo sincrônico, no sentido de se desenvolver a análise a partir do tradutor e da sua tradução no espaço social.

Tendo por base estas perspetivas, com este trabalho visa estudar-se a tradução para chinês do romance moçambicano *Terra sonâmbula*, publicada na região de Taiwan e realizada por Jin Xinyi (abreviadamente designada por Jin ou a tradutora, a partir de agora). Para isso, será descrito o *habitus* do tradutor espelhado na tradução de empréstimos e estrangeirismos, um aspecto discursivo que carateriza a criatividade literária de Mia Couto, em *Terra sonâmbula*.

## 2. *Habitus* nos Estudos de Tradução

Os Estudos de Tradução têm estado de mãos dadas com uma variedade de disciplinas, cuja natureza aponta para a interdisciplinaridade. Desde a primeira pedra lançada nos anos 1970, por James Holmes ([1972]2000), que propôs *socio-translation studies*, que começaram tentativas do estudo da tradução a partir da abordagem sociológica. Neste contexto, destaca-se Pierre Bourdieu, com o seu sistema sociológico, que se carateriza por ser monista no sentido de ser oposto às correntes dualistas na filosofia ocidental (cf. Bourdieu & Wacquant, 1992, p. 19-20). De entre os diversos conceitos bourdieusianos, a “prática” é o ponto de partida em torno do qual se reúnem os conceitos-chave da sociologia bourdieusiana, nomeadamente, “campo”, “capital” e *habitus*, sendo o último mais amplamente usado nos Estudos de Tradução.

O *habitus* é uma noção integral que combina a objetividade com a subjetividade, refletido no ato concreto como uma existência relacional. Esta noção percorre uma longa trajetória filosófica e tem-se formado em diálogo entre pensadores. Absorvendo as ideias pioneiras de forma dialética, Bourdieu (1990) define o *habitus* como:

System of durable, transposable dispositions, structured structures predisposed to function as structuring structures, that is, as principles which generate and organize practices and representations that can be objectively adapted to their outcomes without presupposing a conscious aiming at ends or an express mastery of the operations necessary in order to attain them (Bourdieu, 1990, p. 53).

De acordo com Bourdieu (1985), o relacionamento entre o indivíduo e as estruturas sociais deve ser visto a partir do modo relacional de pensar, o que corresponde à relação entre as palavras-chave, “estruturas estruturadas” e “estruturas estruturantes”. Aliás, o *habitus* é entendido como uma “socialized subjectivity” (Bourdieu & Wacquant, 1992, p. 126) e funciona como um intermediário que reúne a estrutura social objetiva e as experiências pessoais subjetivas, ao capturar “dialectic of the internalization of externality and the externalization of internality” (Bourdieu, 1972, p. 72).

Enfatizam-se, ainda, outros dois aspectos do *habitus* que Bourdieu intenciona explicitar ao distinguir o *habitus* do *habit*: “I said *habitus* so as not to say *habit*” (Bourdieu & Wacquant, 1992, p. 122). Ambos os conceitos se caracterizam por serem capazes de ser identificados por meio de vestígios históricos que vêm do passado e estão prontos a refletir-se no presente e no futuro. Este ponto comum revela a historicidade inherente do conceito de *habitus*. Todavia, “The key difference is that Bourdieu’s *habitus* emphasizes the underlying structures of practices; i.e., acts are underpinned by a generative principle” (Maton, 2008, p. 56). Este princípio gerativo que “belongs to a genetic mode of thought, as opposed to existentialist modes of thought” (Bourdieu, 1993, p. 86) é tão fundamental que se realça com frequência em trabalhos de Bourdieu ou críticas acerca do *habitus* (cf. Maton, 2008; Swartz, 2002), graças à lógica verdadeira de prática desnudada pelo mesmo. Por outras palavras, o princípio gerativo nega o papel decisivo do *habitus* na prática e sugere que o (*habitus*) considera como “a sort of spring that needs a trigger” (Bourdieu & Wacquant, 1992, p. 135), pois, o mesmo *habitus* tem a possibilidade de gerar resultados diferentes, até opostos, dependendo dos estímulos e da estrutura do “campo” (cf. Swartz, 2002).

De acordo com Maton (2008, p. 49), o *habitus* “is becoming part of the lexicon of a range of disciplines, including sociology, anthropology, education, cultural studies, philosophy and literary criticism”. A ampla aplicabilidade desta noção também se reflete nos Estudos de Tradução.

É consensual que a primeira tentativa de introduzir este conceito nos Estudos de Tradução deve-se a Simeoni (1998), de forma parcial e dialética. Partindo da perspetiva de Toury sobre a servidão sujeita às normas que existem na tarefa do tradutor, o autor atribui, por sua vez, o carácter estruturado da prática ao seu poder simultaneamente estruturante. Nega, assim, a forma passiva da subserviência arraigada dos tradutores e afirma que “it takes the shape of servitude volontaire” (Simeoni, 1998, p. 23).

Focalizado no tradutor, como precondição da discussão sobre a relação entre o *habitus* e as normas de tradução, Sela-Sheffy (2022), continua a questão da suposta subserviência do tradutor. Segundo essa autora, o *habitus* “compreende que os desempenhos realizados pelos indivíduos são regulados por esquemas compartilhados, que não estão ‘meramente lá’ em suas mentes, mas são internalizados sob condições semelhantes e compartilhadas ao longo da história” (Sela-Sheffy, 2022, p. 4). Esta interpretação, teoricamente, aproxima e fortalece o conceito de *habitus* do conceito de normas de tradução. Todavia, Sela-Sheffy (2022) identifica a perspetiva determinista de ação humana associada ao “translatorial *habitus*” estabelecido por Simeoni. Isto significa que ao destacar a



subserviência do tradutor como uma componente invariável e universal do *habitus*, quase não deixa espaço para a compreensão de escolha e variabilidade nesta ação.

Meylaerts (2008), por sua vez, identifica a potencial confluência entre o *habitus* e as normas de tradução. Sugere-se que o *habitus* seja entendido como plural e dinâmico (intercultural), pois possibilita revelar como os agentes interculturais “*interiorize dynamically and variably (institutional and discursive) normative structures of the source and target fields, and indeed of their mutual contacts and intersections*” (Meylaerts, 2008, p. 94). O efeito é mais evidente nos contextos multilingues, onde as várias línguas, culturas e pessoas de partida e de chegada partilham o mesmo espaço dentro de um quadro institucional específico, como é o caso da tradução.

Por última análise, as normas de tradução diferenciam-se do *habitus* por fazerem parte de “*socio-cultural constraints*” (Toury, [1978]2000, p. 199), ou seja, estas servem como critérios segundo os quais os comportamentos reais são avaliados. Resumidamente, trata-se de uma força externa e objetiva que atua sobre o indivíduo. O *habitus*, por sua vez, ultrapassa a fronteira que as normas podem governar, sendo algo naturalmente internalizado no indivíduo (ou coletivo, fora do âmbito da discussão do presente estudo), graças às interações entre as partes diacrónica e sincrónica em causa. Ainda, o *habitus* permite a justificação da prática/ação do tradutor de todos os aspectos, desde a escolha de objeto de tradução e de soluções específicas de tradução, até à interação efetivamente ocorrida entre as partes envolvidas na tradução.

### 3. O *habitus* do tradutor: historicidade e generatividade

Conforme as contribuições dedicadas à abordagem sociológica da tradução, os termos que combinam a tradução e o *habitus* incluem principalmente o *habitus* tradutório (“*translatorial habitus*”) e o *habitus* do(s) tradutor(es) (“*translator’s/translators’ habitus*”).

Proposto pela primeira vez por Simeoni (1998), o ponto-chave para a compreensão do *habitus* tradutório reside no reconhecimento sobre o mecanismo estruturado e estruturante. Aliás, o *habitus* é estruturado no sentido de “*the nexus of dispositions at any given time is given a structure in the course of individual social lives*” e caracteriza-se por ser estável e “*highly patterned*” (Simeoni, 1998, p. 22). Por outro lado, ele é estruturante devido ao facto de que as disposições adquiridas “*contribute directly to the elaboration of norms and conventions, thereby reinforcing their scope and power*” (Simeoni, 1998, p. 22). Por seu turno, Pasmatzi (2023) considera o *habitus* tradutório como algo coletivo que contrasta com o *habitus* individual, para além de ser um conceito centrado no agente (*agent*) ao invés de no produto de tradução.

Em comparação com o *habitus* tradutório, o *habitus* do(s) tradutor(es) é termo usado com mais frequência e percebido de óticas divergentes (Gouanvic, 2002; Liang, 2016; Meylaerts, 2008, 2010; Pasmatzi, 2023; Prunč, 2007; Sela-Sheffy, 2022; Xu & Chu, 2015). Gouanvic (2002) defende que:

The *habitus* of a translator as producer may be defined as a durable, transposable disposition acquired by the socialized body, which invests in practice the organizing principles that are socially constructed in the course of a situated and dated experience (Gouanvic, 2002, p. 95).



Neste sentido, o tradutor é, claramente, posicionado como centro na tradução e tudo se desenrola em torno dele. Meylaerts (2008, p. 94) considera o tradutor como ator intercultural que faz desenvolver “perceptions and practices partly through cross-cultural *habituses*” e que conta com “translators’ intercultural *habitus*”. Assim, testemunha-se a ampliação da fronteira interna do *habitus* do(s) tradutor(es), com uma perspetiva posta em “actors’s [tradutor(es)] various and variable internalization of broader social, cultural, political and linguistic structures, of both the institutional and discursive kind” (Meylaerts, 2008, p. 95). Outros termos específicos, derivados do *habitus* do(s) tradutor(es), que variam mediante o objeto de estudo, incluem, mas não estão limitados a *habitus* inicial, *habitus* profissional (Meylaerts, 2010), *habitus* da profissão de uma disciplina adjacente na qual o tradutor está envolvido (Xu, 2012) e *habitus* supra-individual (Pasmatzi, 2023).

Dado o panorama sobre o *habitus* relacionado com a tradução, o presente estudo continua no caminho que a maioria dos estudiosos pavimenta, quer dizer, insistimos no uso do *habitus* do(s) tradutor(es) e julgamos que isto deve ser lido em duas dimensões: a historicidade e a generatividade.

Tal como afirmado na secção anterior, a historicidade e a generatividade constituem duas dimensões basicamente inerentes do *habitus*, nos termos de Bourdieu (1990, 1993). Aliás, as disposições representadas pelo *habitus* são “‘structured structures’ in that they inevitably incorporate the objective social conditions of their inculcation. [...] The dispositions of the *habitus* are ‘structuring structures’ through their ability to generate practices adjusted to specific situations” (Johnson, 1993, p. 5). Recorrendo às teorias bourdieusianas, os estudiosos especificam as dimensões históricas e generativas do *habitus* para as aplicar aos Estudos de Tradução. Sela-Sheffy (2022) enfatiza os atributos duplos do *habitus* do tradutor:

O *habitus* é uma força inercial, porém versátil, que restringe as tendências e preferências de uma pessoa, mas também permite transformação e construção contínua, de acordo com os campos em mudança nos quais atua e com as alternâncias de posição em um espaço cultural específico (Sela-Sheffy, 2022, p. 7).

Aqui, a força “inercial” corresponde ao aspeto de historicidade enquanto a força “versátil” refere-se à generatividade. A faceta generativa remete-nos para o que é debatido por Wolf (2007, p. 113) quanto ao termo que pode caracterizar a tradução, isto é, o “espaço de mediação”, cuja existência depende do princípio de negociação. De acordo com a autora, a negociação oferece um espaço em que “the various experiences of the agents participating in the production and reception processes of translation who virtually meet here in order to ‘translate each other’” (Wolf, 2007, p. 118).

Somos de parecer que a tradução, por um lado, implica a participação conjunta de vários agentes. Por outro lado, tende-se a chegar ao consenso sobre o papel predominante de certo(s) agente(s) na tradução. No presente estudo, justifica-se que o ato tradutório se manifesta em torno do tradutor, cujo *habitus* deve ser abordado, teoricamente, em duas dimensões: a historicidade e a generatividade. Aliás, a historicidade refere-se ao conjunto acumulado e estável do *habitus* do tradutor, trata-se de algo que raramente se altera com o objeto de tradução. A generatividade, pelo contrário, concentra-se na negociação entre os agentes, sejam estes seres humanos ou não, como por exemplo, o texto-fonte, a língua-alvo, a editora, e o tradutor, etc. Carateriza-se por ser sempre variável com a mudança do objeto de tradução. Considerando a extensão que o artigo permite, nas

seguintes subsecções exemplificam-se os *habitus* específicos que se prendem com a generatividade do *habitus* do tradutor e que correspondem, exclusivamente, à tradução de empréstimos e estrangeirismos em *Terra sonâmbula*, realizada por Jin Xinyi.

### 3.1 O *habitus* da negociação com o texto-fonte e o autor

Não é recente a proposta de tradução que visa aproximar o texto-fonte e o autor, não obstante sem terminologia nem ponto de partida uniformes. Independentemente das perspetivas dos Estudos de Tradução, o respeito pelo texto-fonte é uma prioridade. Os pontos de partida podem, no entanto, variar, como acontece, por exemplo, com a ética de espaço dialógico de Berman (1992, 1995) e a tradução minorizante como resistência, ou seja, a estrangeirização, nos termos de Venuti (1995, 1998). Desde a entrada da perspetiva sociológica nos Estudos de Tradução, inicia-se a tentativa de se relacionar o *habitus* com o comportamento do tradutor “source-oriented”, com as estratégias tradutórias postas num *continuum* cuja tendência se dirige ao extremo de “ser fiel ao texto-fonte” (Liang, 2016, tradução nossa). Por seu lado, Xu (2012) propõe a hipótese de que a posição do tradutor possui o poder decisivo na tradução, ou seja, quanto mais forte for a formação académica de um tradutor estudos, mais fiel ao texto-fonte será a tradução.

Pode constatar-se que ambos os estudos perspetivados da abordagem bourdieusiana partem da dimensão histórica do *habitus* do tradutor para entender as práticas tradutórias que tentam reproduzir o texto-fonte ao máximo, sem dar atenção devida ao “ingénuo” objeto de tradução. Todavia, não parece ser pertinente desistir da observação a partir da dimensão generativa do *habitus* do tradutor, sobretudo perante o texto-fonte repleto de dificuldades tradutórias a todos os níveis, desde fonético, morfológico, até lexical e semântico (Iglesias, 2005). Neste sentido, argumenta-se que está na hora de devolver o atributo generativo ao *habitus* do tradutor para se poder casar com o texto-fonte e o autor, formando, assim, o *habitus* da negociação com o texto-fonte e o autor. Trata-se de uma disposição tradutória destinada a reproduzir a língua, a cultura, entre outros aspectos do texto-fonte na tradução, dando prioridade à singularidade do objeto de tradução. É ponto de relevo a diversidade e a disparidade dessa singularidade, tal como alega Warrot (2023) no estudo sobre a tradução para francês de alguns romances lusófonos, em que se acentua o significado construtivo da parceria com o autor:

Alguns jogos com o significado, como o corte de palavras e uma organização sintática inovadora, a criação linguística neológica através de procedimentos diversos como o cruzamento vocabular (amálgamas, *blend*, *mot valise*), a existência de explicações, de notas de rodapé ou de glossários são elementos que revelam e que interpelam o tradutor neste processo de transmissão de uma língua para outra, solicitando a participação do tradutor, numa espécie de parceria com o autor (Warrot, 2023, p. 257).

Dado isto, é previsível que, com a mudança do objeto de tradução, se modifique, eventualmente, a conotação deste *habitus*. Entendido de outra maneira, o *habitus* da negociação com o texto-fonte e o autor não é um conceito invariável nem genérico, mas, sim, algo fluido e específico. Por essa razão, exige-se uma análise caso por caso, conforme o objeto específico da tradução. No que toca à produção literária coutiana, destacam-se aspectos como: criação linguística neológica, polissemia lexical, nome próprio lexicalizado, antropônimo, exotismo, jogo de palavras etc.



(Brookshaw, 2008; Brugioni, 2012; Cavacas, 2015; Helgesson, 2016; Iglesias, 2005; Liang, 2023; Warrot, 2023).

### **3.2 O *habitus* da negociação com a língua, cultura-alvo e o leitor**

Continuando nesta posição sobre a generatividade do *habitus* do tradutor, refira-se o *habitus* da negociação com a língua, cultura-alvo e o leitor.

Com a estrangeirização de formas linguísticas que se distanciam do português padrão (Nogueira, 2010), a literatura coutiana tem desafiado e atraído o tradutor. Ao mesmo tempo, quando se refere a tradução deste autor moçambicano para outros idiomas, prevalece a atitude estrangeirizada sobre a domesticada. Maia e Branco (2016) desnudam as três condições subordinadas à estratégia de domesticação na tradução de Mia Couto de português para o inglês, a língua hegemônica que obriga normalmente a tal estratégia. É nesse sentido que os tradutores “costumam se ocultar em seu trabalho, negando a própria voz em favor da voz dos autores e/ou dos estilos preponderantes na cultura receptora” (Gentzler, 2009, p. 62). Em última análise, as estratégias domesticadas privilegiam a obediência voluntária ao poder, cuja meta é a fluência e a transparência da tradução e cuja consequência é a invisibilidade do tradutor (Venuti, 1995). Ao estudar a tradução do romance coutiano para chinês, Huang e Sun (2022) e Liang (2023) recorrem à ferramenta teórica mencionada, isto é, à estrangeirização e à domesticação de Venuti (1995). Não nos parece produtivo aplicá-las ao estudo de traduções que decorrem entre idiomas como o português e o chinês, devido à falta de tensão de poder entre estas línguas e entre as culturas subjacentes a elas.

Toury ([1995]2012, [1978]2000) enfoca as “reais relações” construídas entre o texto-fonte e sua “substituição factual” (Toury, 1980, p. 39, tradução nossa), justificando a tradução como uma atividade regida por normas, liberta da prisão mental unilateral e do controlo ideológico. Quando a tradução literária ocupa uma posição marginalizada no polissistema literário (Even-Zohar, [1978]2000), fica mais suscetível a adaptar-se às normas da língua e cultura-alvo que o teórico chama de “acceptability” (Toury, [1978]2000, p. 201). As normas de tradução, sem dúvida, prevalecem na maioria dos casos, contudo, “*translators govern norms as much as their behaviour is governed by them*” (Simeoni, 1998, p. 24).

Diferentemente do *habitus* do tradutor que traz à tona o diálogo entre estrutura e agência, a discussão das normas nos Estudos de Tradução implica sempre uma insinuação negativa, “como se fosse uma deficiência que deveria ser superada, ou seja, a ideia de que as normas são ruins e quem as obedece é inepto” (Sela-Sheffy, 2022, p. 10). Superada a dicotomia rígida entre “criatividade pessoal” e “padronização absoluta” (Sela-Sheffy, 2022, p. 10), o *habitus* do tradutor é a forma para se dar atenção à língua e cultura-alvo, de modo a eliminar a passividade que provocam as normas de tradução. Propõe-se assim, o *habitus* da negociação com a língua, cultura-alvo e o leitor. Essa ideia não é nova, mas é atualizada e entendida por uma disposição tradutória que procura assegurar a fluência, o estilo natural, a legibilidade e a circulação do texto-alvo. Não há um único caminho para chegar lá e é preciso estar atento ao sistema de normas da língua e cultura-alvo.



## **4. Habitus do tradutor na tradução de empréstimos e estrangeirismos**

### **4.1 Terra sonâmbula e a versão chinesa de Jin Xinyi**

Mia Couto é considerado um “autor polifônico” (Xavier, 2017), no sentido de escrever vários géneros literários, abordar diversas temáticas e produzir um discurso híbrido. Até ao presente, o romance é o género literário a que se tem dedicado mais, a partir da sua estreia com *Terra sonâmbula*, em 1992. Trata-se de uma obra que redirecionou o olhar para as literaturas africanas em Português e permitiu a reconstrução de um cânone romanesco não só coutiano, mas também moçambicano. Amplamente conhecido e apreciado, registam-se mais de quarenta edições reimpressas do original. Numa dualidade entre a história e a literatura, o romance distingue-se pela sua estrutura narrativa intercalada, com a psique moçambicana da guerra nela inscrita, e o estilo influenciado pela oralidade. Destaca-se, em particular, a sua linguagem metaforicamente trabalhada e a língua portuguesa (re)criada, o que caracteriza a escrita poética de Mia Couto. A tradução desta obra implica oportunidade, enquanto desafio, para qualquer tradutor. Tal é o caso da tradutora Jin e a sua tradução de *Terra sonâmbula* em chinês, 夢遊的大地. Na verdade, encontram-se duas versões de *Terra sonâmbula* em chinês, uma é traduzida por Jin Xinyi, tradutora do presente estudo. Uma outra é concluída por Min Xuefei, publicada pela editora Citic (sediada em Pequim). Como não obtivemos acesso a materiais suficientes que se prendem com a prática tradutória de Min, decidiu-se estudar exclusivamente uma das traduções. Sendo tradutora, professora universitária e investigadora das literaturas em língua portuguesa, Jin assume mais de um papel no campo da tradução. Trata-se de uma tradutora produtiva e estudiosa ativa. Reflete e atualiza sempre o seu ponto de vista acerca da tradução literária e das literaturas em língua portuguesa. Por outro lado, a versão chinesa de *Terra sonâmbula* que Jin traduziu é a primeira obra coutiana publicada na região de Taiwan, em 2018, pela editora Homeward Publishing. Traduzido em chinês tradicional, o romance foi largamente reconhecido pelos leitores da região de Taiwan. Valoriza-se tanto a própria tradutora como a singularidade desta versão chinesa de *Terra sonâmbula*, ponto de partida desta pesquisa. Por outras palavras, à luz do *habitus* do tradutor justificado na parte teórica, pretende-se descrever o *habitus* da tradutora, a partir da análise da sua tradução de empréstimos e estrangeirismos em *Terra sonâmbula* para o chinês.

### **4.2 Tradução chinesa de empréstimos e estrangeirismos**

Em *Terra sonâmbula*, registam-se traços específicos do português moçambicano. Isto deve-se à preocupação do autor que vê um “discurso escrito de cunho essencialmente oral – como reflexo, aliás, de uma busca de autenticidade, de realismo e de tradição” (Cavacas, 2015, p. 203). Esta preocupação reflete-se no uso de um conjunto de aspectos de linguagem: morfossintáticos, semânticos e lexicais, em particular, do português moçambicano (Cavacas, 2015). A voz moçambicana é traduzida, desta forma, para os que não conhecem este país africano. Também, dada esta característica, desafia-se o tradutor a transmitir os traços linguísticos moçambicanos para outros idiomas, o que constrói, portanto, o foco de estudo desta subsecção.

O português moçambicano tem origem numa história complexa da língua. Moçambique é um país africano que tem como língua oficial a língua portuguesa após a independência, em 1975, e que se caracteriza por ser uma sociedade multilingue devido ao contacto de línguas de diferentes origens no território, em particular, o contacto da língua portuguesa com muitas línguas autóctones do ramo Bantu, assim como algumas línguas asiáticas e o inglês (cf. Hlibowicka-Węglarz, 2021). Nestes idiomas em contacto, as línguas bantu (LB) constituem a maior parte das línguas maternas de comunicação diária dos moçambicanos, que influenciaram o português moçambicano de hoje. Aliás, de acordo com Gonçalves (2012, p. 401), “a influência das línguas bantu no Português de Moçambique (PM) se manifesta em várias componentes da sua gramática e do seu léxico”. Para além disso, cremos ser pertinente acrescentar que as influências das línguas bantu no PM “são mais perceptíveis a nível oral” (Hlibowicka-Węglarz, 2021, p. 17). Um fenômeno que daí advém é o afastamento gradual entre o português escrito oficial e o português falado, fazendo com que tenham surgido textos literários que procuram estabelecer uma ponte possível entre os dois lados (cf. Rosário, 1996, p. 227). Mia Couto enquadra-se nesse panorama:

Mia Couto é o único escritor que se orienta pelas “regras” da gramática do PM a partir das quais constrói o seu discurso literário [...]. O escritor parte assim das inovações lexicais ou sintácticas do discurso corrente para produzir o seu texto. Mia Couto parece sentir-se libertado do jugo das regras da gramática do Português padrão europeu, e o seu processo criador inspira-se no contexto linguístico moçambicano (Gonçalves, 1996, p. 23).

De entre os esforços praticados pelo autor moçambicano, destaca-se o aspeto lexical, mais especificamente, os empréstimos e estrangeirismos de origem bantu e de outras línguas estrangeiras na produção literária baseada no português. Por consideração da característica mais visível na língua e da dificuldade na prática tradutória entre duas línguas bem diferentes, os empréstimos e estrangeirismos em *Terra sonâmbula* e a sua tradução para o chinês tornam-se o objeto de estudo desta subsecção. Os empréstimos e os estrangeirismos são alvo de definições polémicas. Timbane (2012, p. 291) defende que se entende por estrangeirismo “uma palavra de uma língua ‘A’ que é usada na língua ‘B’ em que pelo menos uma das suas características de origem não foram desvirtuadas, nomeadamente a nível fonológico, semântico ou ortográfico”. Ao mesmo tempo, empréstimo dá-se quando ocorre a solidificação e transformação de uma palavra estrangeira para se adaptar à realidade de uma nova língua (Timbane, 2012). Para Hlibowicka-Węglarz (2021, p. 12), os empréstimos identificam-se “quando uma dada língua A integra as unidades lexicais existentes numa outra língua B que a língua A não possuía”. É preciso acrescentar ainda que Hlibowicka-Węglarz (2021), tal como o que costumam fazer alguns outros analistas, não se esforça na diferenciação entre o empréstimo e o estrangeirismo (Timbane, 2012). No que se refere a esta questão, cremos ser digna de confiança a percepção seguinte:

Em primeiro lugar, temos o estrangeirismo, que vem a ser o emprego de palavras que se originam de outra Língua estrangeira e não possuem uma palavra correspondente a ela na nossa Língua, apontadas em nossas normas gramaticais como um vício de *linguagem*, e que sua pronúncia e escrita não sofre qualquer alteração [...].

No segundo caso, o empréstimo (galicismo, anglicismo, etc.)[.] a própria nomenclatura[,] deixa clara a função das palavras, que sofre pouca modificação e passa a fazer parte do léxico, sendo que todas elas hoje classificadas como empréstimo[s] foi um dia estrangeirismo[s] (Gonçalves et al., 2011, n.p.).



Assim, os estrangeirismos caracterizam-se por não sofrerem modificação, ao entrar numa língua alheia, enquanto os empréstimos se identificam pela tendência da “nacionalização” num novo ambiente linguístico, seja a nível fonológico ou ortográfico, como o aportuguesamento e os vocábulos de línguas bantu ao entrarem na língua portuguesa.

No que concerne às funções dos empréstimos/estrangeirismos no PM, Hlibowicka-Węglarz (2021, p. 19) considera duas preocupações: i) serem referência à [da] tradição e à [da] cultura da população e ii) servirem para designar a realidade em que vivem e trabalham os moçambicanos. Sendo tradutor espanhol de textos coutianos, Iglesias (2005, p. 182) acredita que o uso frequente dos termos pertencentes às línguas autóctones tem como objetivo “infuse a colourful spirit into the narration and to produce stories that are totally imbedded in Mozambican culture”. Timbane e Santos (2020), ao estudarem especificamente o uso do PM em *Terra sonâmbula*, sobretudo relacionado com os empréstimos e estrangeirismos, veem-nos ambos como um modo praticado pelo autor moçambicano, da (re)construção da identidade do ser africano a partir da língua portuguesa. Tal afirmação corresponde à perspetiva de que o PM, por via de empréstimos, “vai ganhando novas feições e vai criar uma identidade própria, carregando marcas de identidade dos seus falantes” (Hlibowicka-Węglarz, 2021, p. 19). Seja qual for a motivação do autor, na escrita literária coutiana constata-se o significado de relevo da convivência entre a língua portuguesa e as línguas alheias, por assim dizer, línguas bantu, sobretudo. Assim, como é que se transmite esta característica linguística para o chinês?

Em *Terra sonâmbula*, testemunha-se o vasto uso dos empréstimos e estrangeirismos, de origem bantu, india, inglesa, persa, etc. Tendo como objetivo i) conhecer o panorama do uso do empréstimo e estrangeirismo no texto-fonte e ii) facilitar o estudo do *habitus* do tradutor na tradução chinesa dos empréstimos e estrangeirismos em *Terra sonâmbula*, fazemos uma recolha de dados para se construir um *corpus* com as seguintes componentes: empréstimos ou estrangeirismos, origem etimológica, citação e tradução chinesa. Da nossa recolha, totalizam-se 66 ocorrências: 32 empréstimos e estrangeirismos de línguas autóctones faladas em Moçambique e 14 de línguas alheias, incluindo o concani, o francês, o guzarete, o inglês, o italiano, o persa, o latim científico (AA. VV., 2001; Cavacas, 1999, 2015; Couto, 2017), bem como uma língua não identificada. Para além disso, repare-se, nas 20 ocorrências, de fenómeno da (re)criação lexical levada a cabo pelo próprio autor, recorrendo aos empréstimos<sup>1</sup>. Com o intuito de esclarecer a forma como se traduzem os empréstimos e estrangeirismos para a língua chinesa, apresenta-se, na tabela seguinte, uma listagem destes vocábulos:

Quadro I: Vocábulos relacionados com empréstimos e estrangeirismos em *Terra sonâmbula*

<i>babalaze</i>	<i>balalaicado</i>	<i>baniane</i>	<i>banja</i>	<i>biznés</i>
<i>canhoeiro</i>	<i>capulana</i>	<i>Chai</i>	<i>chambocado</i>	<i>chimussi</i>
<i>chissila</i>	<i>cípiao</i>	<i>concho</i>	<i>congolote</i>	<i>djambalau</i>
<i>djambalaueiro</i>	<i>facholo</i>	<i>facocherar</i>	<i>farfalinar</i>	<i>machamba</i>
<i>machambar</i>	<i>machimbombo</i>	<i>machongo</i>	<i>mafurreira</i>	<i>makwa</i>
<i>mampfana</i>	<i>maningue</i>	<i>mantakassa</i>	<i>maquela</i>	<i>massaleira</i>
<i>matopar-se</i>	<i>matope</i>	<i>matsangas</i>	<i>meioxreira</i>	<i>micaia</i>
<i>milando</i>	<i>monhé</i>	<i>muchém</i>	<i>mucunha</i>	<i>naparama</i>

<sup>1</sup> Entende-se, aqui, por palavras de (re)criação lexical em Mia Couto os vocábulos que não se encontram dicionarizados.

<i>ncuácuá</i>	<i>ncuacueira</i>	<i>neneclar</i>	<i>nganga</i>	<i>nhamussoro</i>
<i>nuno</i>	<i>penembe</i>	<i>petromax</i>	<i>psipoco</i>	<i>quizumba</i>
<i>Rand</i>	<i>sacudu</i>	<i>sathanhocola</i>	<i>shima</i>	<i>sura</i>
<i>tchótí</i>	<i>tchovar</i>	<i>timaca</i>	<i>timbilar</i>	<i>virabazucas</i>
<i>xicuembó</i>	<i>xiculunguelar</i>	<i>xigovia</i>	<i>xipalapala</i>	<i>xipefo</i>
<i>xipoco</i>				

Fonte: Yu (2025, adaptado)

Tal como demonstra a tabela, a maioria dos empréstimos e estrangeirismos em *Terra sonâmbula* são nomes e uma pequena parte pertence a outras classes gramaticais. Por isso, a nossa análise da tradução dividir-se-á em duas categorias.

Para a primeira categoria relacionada com os nomes, totalizam-se 54 ocorrências. De acordo com as características gerais da tradução, esta categoria pode subdividir-se em duas subcategorias: a transliteração e a tradução livre, contando com 22 e 32 ocorrências, respectivamente. Entre as 22 ocorrências, encontra-se por sete vezes a mera transliteração e outras 15 vezes a transliteração com a nota de rodapé. A transliteração permite a representação do *habitus* da negociação com o texto-fonte e o autor, enquanto a transliteração com a nota de rodapé espelha tanto este *habitus* como o da negociação com a língua, cultura-alvo e o leitor. Do mesmo modo, relativamente à subcategoria que se prende com a tradução livre, totalizam-se várias soluções tradutórias. Dez nomes próprios passam pela tradução livre com notas de rodapé acrescentadas. Para as 21 ocorrências compostas, maioritariamente por nomes comuns, constata-se a mera tradução livre. Ambas as soluções se dirigem ao *habitus* da negociação com a língua, cultura-alvo e o leitor. Ressalta, ainda, a tradução de “monhé”, pois, registam-se duas traduções, “印度人” (yìn dù rén) e “印度佬” (yìn dù lǎo). “印度人” é indiano, indivíduo natural da Índia, enquanto “印度佬” é um tratamento depreciativo para chamar os indianos. Em *Terra sonâmbula*, usa-se no texto inteiro o vocábulo “monhé”, que se refere a “indiano” (Couto, 2017, p. 334). Na tradução chinesa, a tradutora pretende respeitar, de acordo com a sua leitura, a posição/atitude da personagem que fala. Acaba por optar por duas equivalências ao transmitir o mesmo empréstimo. Esta opção espelha tanto o *habitus* da negociação com o texto-fonte e o autor como o *habitus* da negociação com a língua, cultura-alvo e o leitor.

Para a segunda categoria associada a outras classes gramaticais, nomeadamente, adjetivos, advérbios, verbos e interjeições, contámos 12 empréstimos e palavras novas recriadas a partir dos empréstimos-nomes. No caso de dez vocábulos, recorre-se à tradução livre. Apenas se registam duas palavras novas coutianas (“chambocado”, “timbilar”), cujas traduções preservam parcialmente a transliteração dos empréstimos de origem, com base na tradução livre como um todo. Por isso, percebe-se que nos dez vocábulos de outras classes gramaticais se reflete o *habitus* da negociação com a língua, cultura-alvo e o leitor, enquanto através das outras duas palavras novas se espelha o *habitus* da negociação tanto com o texto-fonte e o autor quanto com a língua, cultura-alvo e o leitor.

Resumindo, pelas 66 ocorrências relacionadas com a tradução dos empréstimos, estrangeirismos e da recriação lexical a partir dos empréstimos, verificam-se três sub-*habitus* da generatividade, por ordem decrescente de frequência: i) o *habitus* da negociação com a língua, cultura-alvo e o leitor (41 ocorrências); ii) o *habitus* da negociação tanto com o texto-fonte e o autor quanto com a língua, cultura-alvo e o leitor (18 ocorrências) e iii) o *habitus* da negociação com

o texto-fonte e o autor (sete ocorrências). Em seguida, procede-se a uma análise de três exemplos de tradução que correspondem a cada *habitus*. Para mostrar melhor como é que este fenómeno de tradução acontece, apresentam-se: o capítulo do texto-fonte, o contexto de frase em *Terra sonâmbula*, o empréstimo e origem, e a tradução chinesa realizada por Jin. Como os leitores podem não ler caracteres chineses, acrescenta-se: i) a versão em Pinyin, ii) a tradução palavra por palavra e iii) a retroversão. Outras informações podem ser acrescentadas, dependendo da tradução em análise. Segue na tabela o exemplo da tradução sobre o *habitus* da negociação com a língua, cultura-alvo e o leitor:

Quadro 2: Exemplo sobre a tradução livre do empréstimo na tradução chinesa de *Terra sonâmbula*

<b>Capítulo de <i>Terra sonâmbula</i></b>	“Primeiro caderno de Kindzu”
<b>Citação</b>	“Sentava no escuro e cantava uma canção de <b>neneclar</b> , a mesma que servia para todos os nossos sonos” (p. 29).
<b>Empréstimo e origem</b>	nenecar (niúngue: <i>neneclar</i> )
<b>Tradução chinesa</b>	她坐在黑暗中，唱著一首搖籃曲，這也是哄我們所有人入睡的曲子。
<b>Pinyin</b>	Tā zuò zài hēi àn zhōng, chàng zhe yī shǒu yáo lán qǔ, zhè yě shì hǒng wǒ men suǒ yǒu rén rù shuì de qǔ zi.
<b>Tradução palavra por palavra</b>	agitátor / cesto(a) / canção
<b>Retroversão</b>	canção de berço / canção de ninar

Fonte: Yu (2025, adaptado)

Sendo empréstimo proveniente da língua niúngue *neneclar*, “nenecar” refere-se “no sentido original, trazer uma criança às costas, usualmente, adormecer; embalar” (Cavacas, 1999, p. 172). Trata-se de um verbo emprestado das línguas autóctones moçambicanas, que, neste caso, conseguiria o sentido completo ao se entender junto com “canção de (nenecar)”, que significa canção de ninar. Substituída por uma palavra só, este “experimentalismo linguístico” (Cavacas, 2015, p. 141) baseia-se na proximidade linguística entre o português europeu e o português moçambicano. Ao transmitir-se para a língua chinesa, perde-se este parentesco linguístico, uma vez que o português pertence ao sistema da escrita fonográfica, enquanto o chinês pertence à escrita essencialmente “pictográfica e ideográfica” (Mai et al., 2022, p. 51). Dessa forma, a conexão criativa entre o português europeu e o português moçambicano é fadada a quebrar-se. Por sua vez, a tradutora abandona a reprodução fonologicamente formal deste empréstimo, dando prioridade à tradução livre desta palavra. Aliás, a tradutora considera “canção de nenecar” como um todo, visto que em chinês há equivalência semântica desta expressão, isto é, “搖籃曲”, constituída por “搖籃” (berço) e “曲” (canção). Neste caso, o verbo “nenecar” é substantivado e transformado em “berço”, correspondendo à expressão habitual da língua-alvo.

Em seguida, apresenta-se um exemplo da tradução que se prende com o *habitus* da negociação tanto com o texto-fonte e o autor quanto com a língua, cultura-alvo e o leitor:

Quadro 3: Exemplo sobre transliteração de empréstimo com nota de rodapé na tradução chinesa de *Terra sonâmbula*

<b>Capítulo de <i>Terra sonâmbula</i></b>	“Sexto caderno de Kindzu”
<b>Citação</b>	“Para o ano que vem, eu privo tudo. Chuto o <b>baniane</b> no rabo” (p. 184).
<b>Empréstimo e origem</b>	baniane (gujarate: <i>baniane</i> , a partir do sânscrito <i>vanij</i> )
<b>Tradução chinesa</b>	「明年我就把一切都搶回來。我要狠狠踹這個巴尼阿內人的屁股。」
<b>Pinyin</b>	Míng nián wǒ jiù bǎ yī qiè dōu qiāng huí lái. Wǒ yào hěn hěn chuài zhè ge bā ní ā nèi rén de pì gu.
<b>Retroversão</b>	baniane
<b>Nota de rodapé</b>	巴尼阿內人(Baniane), 專指在莫三比克從商的印度裔 <sup>2</sup> 。

Fonte: Yu (2025, adaptado)

Empréstimo da origem gujarate, o empréstimo “baniane” refere-se ao indivíduo de ascendência india que se dedica ao comércio (Cavacas, 1999). Recorrendo à transliteração, traduz-se este vocábulo como “巴尼阿內人” (bā ní ā nèi rén), o que reflete o *habitus* da negociação com o texto-fonte e o autor. Simultaneamente, revela-se o *habitus* da negociação com a língua, cultura-alvo e o leitor pelo facto de se acrescentar uma nota de rodapé a “baniane”. Vista como um processo de três etapas, a transliteração parte de letras da língua-fonte, unidades fonológicas da língua-fonte, unidades fonológicas da língua-alvo e chega até letras da língua-alvo (cf. Catford, 1965). Tal solução tradutória corre o risco de fazer perder o significado do original, pois: “its purpose is the preservation of form” (Shuttleworth & Cowie, 1997, p. 175), sobretudo no que se refere à transformação entre duas escritas alfabética e não alfabética, respetivamente, como é o caso do português e do chinês.

Muitas vezes, esses caracteres chineses aleatoriamente reunidos “não correspondem a nenhuma palavra chinesa com significado semântico” (Liang, 2023, p. 217). No caso de “baniane”, Jin traduz para “巴尼阿內人” (bā ní ā nèi rén), os cinco caracteres chineses, ao se descodificarem de forma separada, não fazem sentido em termos semânticos para os leitores chineses, o que só permite a reprodução fonética do termo original segundo as regras da pronúncia chinesa. Neste sentido, é acrescentada pela tradutora uma nota de rodapé, que serve para esclarecer a conotação de “巴尼阿內人”, isto é, “巴尼阿內人(Baniane), 專指在莫三比克從商的印度裔。” (Couto, 2018, p. 195). É preciso acrescentar que no texto-fonte, o autor moçambicano não explicita, em lugar nenhum, o significado do empréstimo “baniane”. Por outras palavras, não se proporciona uma leitura possível do que se entende exatamente por este vocábulo do português moçambicano. Todavia, ao se transmitir para o chinês, “baniane” acaba por ser esclarecido para um melhor entendimento dos leitores da língua-alvo. Isso reflete precisamente o *habitus* da negociação com a língua, cultura-alvo e o leitor.

Por último, apresenta-se um exemplo da tradução que se prende com o *habitus* da negociação com o texto-fonte e o autor:

<sup>2</sup> Retroversão da nota de rodapé: “Baniane refere-se especificamente aos indianos que fazem negócios em Moçambique”.

Quadro 4: Exemplo sobre transliteração de empréstimo na tradução chinesa de *Terra sonâmbula*

<b>Citação</b>	<p>“Depois, avançou ameaças: já que eu tanto queria a viagem, num dado entardecer, me haveria de aparecer o <b>mampfana</b>, a ave que mata as viagens” (“Segundo caderno de Kindzu”, p. 70).</p> <p>“—Quando encontrar o <b>mampfana</b> me chame, então” (“Segundo caderno de Kindzu”, p. 70).</p> <p>“Era o <b>mampfana</b>, a ave matadora de viagens” (“Décimo caderno de Kindzu”, p. 297).</p> <p>“Mais um pouco e lá estava a árvore onde eu, junto com meu pai, matámos a ave <b>mampfana</b>” (“Décimo caderno de Kindzu”, p. 312).</p>
<b>Empréstimo e origem</b>	mampfana (ronga: <i>mampfana</i> )
<b>Tradução chinesa</b>	<p>他又威脅：既然我這麼想出走，某個黃昏，我面前將會出現一隻殺死旅途的鳥，蠻法納。</p> <p>「你遇見蠻法納時，就召喚我。」</p> <p>是夢中父親預言過的那隻蠻法納，殺死旅途的鳥。</p> <p>我和父親在樹下殺了那隻蠻法納鳥。</p>
<b>Pinyin</b>	<p>Tā yòu wēi xié: Jì rán wǒ zhè me xiǎng chū zǒu, mǒu gè huáng hūn, wǒ miàn qián jiāng huì chū xiànyī zhī shā sǐ lǚ tú de niǎo, <b>mán fǎ nà</b>.</p> <p>Nǐ yù jiàn <b>mán fǎ nà</b> shí, jiù zhào huàn wǒ.</p> <p>Shì mèng zhōng fù qīn yù yán guò de nà zhī <b>mán fǎ nà</b>, shā sǐ lǚ tú de niǎo.</p> <p>Wǒ hé fù qīn zài shù xià shā le nà zhī <b>mán fǎ nà</b> niǎo.</p>
<b>Retroversão</b>	mampfana

Fonte: Yu (2025, adaptado)

O empréstimo “mampfana” aparece quatro vezes no texto-fonte e refere-se a uma “espécie de grou, chamado ‘aquele que faz parar os viajantes’” (Cavacas, 1999, p. 155). Tal como o que acontece ao empréstimo “baniane”, não há explicitação, também, no texto-fonte em relação ao significado do empréstimo “mampfana”. No entanto, isto não impede os leitores do texto-fonte de identificar a sua heterogeneidade em relação ao português padrão. Ao traduzir para o chinês, Jin opta por fazer a transliteração sobre o “mampfana”, solução tradutória aplicada a todas as quatro ocorrências. Recorrendo à justificação no exemplo da tradução do empréstimo “baniane”, os leitores chineses não podem ler os caracteres chineses juntos aleatoriamente, no caso de estes não carregarem sentido semântico. Permite, apenas, a reprodução fonética do “mampfana” segundo as regras da pronúncia chinesa. Jin não repete a solução tradutória relacionada com a tradução de “baniane”, isto é, não acrescenta notas de rodapé. Por sua vez, deixa ficar os caracteres transliterados, sem explicação. Isto, porque, em *Terra sonâmbula*, o “mampfana” já conta com uma explicitação mesmo no texto, “a ave que mata as viagens” (Couto, 2017, p. 70), o que equivale a uma nota de rodapé tanto para o texto-fonte como para o texto-alvo. É verdade que a tradutora poderia mobilizar uma nota de rodapé detalhada como a seguinte:

Algumas aves são objecto de ideias supersticiosas, nomeadamente esta, o mampfana, aquele que faz parar os viajantes. Espécie de grou, é chamada a ave que impede a viagem; se esta ave voa através do caminho com as grandes asas abertas há perigo de morte, previne que o caminho não está puro (Leite, 2003, p. 51).

Contudo, a tradutora não opta por proporcionar aos leitores uma nota de rodapé. Isto corresponde à perspetiva da tradutora quanto ao acréscimo das notas de rodapé: “o tradutor deve

evitar o abuso de notas de rodapé e explicações excessivas, resistindo ao instinto profissional de explicitação” (Yu, 2025, p. 423). Seja qual for a opção da tradutora sobre as notas de rodapé, testemunha-se, a partir da transliteração sobre o “mampfana”, o *habitus* da negociação com o texto-fonte e o autor.

Por último, apresentam-se, na seguinte tabela, os dados estatísticos a partir do nosso trabalho de análise da tradução, desenvolvidos em Yu (2025), em relação a: i) os *habitus* recolhidos na tradução chinesa de empréstimos e estrangeirismos em *Terra sonâmbula*, ii) as soluções tradutórias de Jin que correspondem a cada *habitus*; iii) o número de ocorrências que correspondem a determinado *habitus* e iv) a percentagem<sup>3</sup> de cada *habitus*:

Quadro 5: Os *habitus* sobre a tradução de empréstimos e estrangeirismos na tradução chinesa de *Terra sonâmbula*

<b>Habitus</b>	<b>Soluções tradutórias</b>	<b>Ocorrência</b>	<b>Percentagem</b>
<i>habitus</i> da negociação com a língua, cultura-alvo e o leitor	tradução livre; tradução livre com notas de rodapé	41	62%
<i>habitus</i> da negociação tanto com o texto-fonte e o autor quanto com a língua, cultura-alvo e o leitor	transliteração com notas de rodapé; transliteração parcialmente preservada baseada na tradução livre; “monhé”	18	27%
<i>habitus</i> da negociação com o texto-fonte e o autor	transliteração	7	11%
<b>Total</b>		<b>66</b>	<b>100%</b>

Fonte: Yu (2025, adaptado)

Resumindo, entre as 66 ocorrências que recolhemos, relacionadas com a tradução de empréstimos/estrangeirismos em *Terra sonâmbula* do português para o chinês, o *habitus* da negociação com a língua, cultura-alvo e o leitor tem o maior peso. Atinge mais de metade da percentagem. Segue-se o *habitus* da negociação, tanto com o texto-fonte e o autor quanto com a língua, cultura-alvo e o leitor, e o *habitus* da negociação com o texto-fonte e o autor. Aproximar a estrutura intrínseca da língua-alvo, ou facilitar a compreensão dos leitores implica, de alguma maneira, o abandono parcial ou completo da transliteração dos empréstimos/estrangeirismos, em particular perante os nomes comuns e os vocábulos de outras classes gramaticais que aparecem mais de duas vezes no texto-fonte, como é o caso de “concho” (9 ocorrências) e “machamba” (5 ocorrências). Nota-se que os *habitus* respeitantes à negociação com o texto-fonte e o autor, no caso da tradução dos empréstimos/estrangeirismos, caracterizam-se pela transliteração dos termos, quer acompanhada por notas de rodapé (por exemplo, “mantakassa”, “maquela”) ou não (por exemplo, “xipoco”, “naparama”).

<sup>3</sup> A percentagem retém apenas dígitos inteiros (unidades), pelo que nos dispensamos de voltar a explicar esta opção.



## 5. Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo aplicar o *habitus* bourdieusiano à tradução literária e refletir sobre as ferramentas teórica e metodológica do estudo do tradutor. Simultaneamente, procurou-se contribuir para os Estudos de Tradução das literaturas africanas em língua portuguesa, em particular da moçambicana, para o chinês. Através da análise realizada sobre a tradução chinesa de empréstimos e estrangeirismos em *Terra sonâmbula*, de Mia Couto, realizada por Jin Xinyi, foi possível chegar às seguintes conclusões.

Em primeiro lugar, confirmou-se a viabilidade da análise do *habitus* do tradutor a partir de duas dimensões: a historicidade e a generatividade. Observou-se que, por um lado, o *habitus* do tradutor é um instrumento conceitual que permite a integração dos conceitos isolados (p.e.: agência, “multiple translatorship”, teoria ator-rede). Por outro lado, o *habitus* do tradutor liberta alguns conceitos de dualismo (p.e.: estrangeirização, domesticação, reescrita como manipulação, etc.), o que enfatiza o único pólo ao interpretar a prática da tradução. Além disso, enfatiza-se que, tanto a historicidade como a generatividade do *habitus* do tradutor, abrangem, subcategorias, dependendo do objeto específico de estudo, como é o caso do *habitus* da negociação com o texto-fonte e o autor, e o *habitus* da negociação com a língua, cultura-alvo e o leitor.

Em segundo lugar, verificou-se que uma solução tradutória pode refletir, ao mesmo tempo, vários *habitus* do tradutor, tal como demonstram, entre outras soluções tradutórias, a transliteração com notas de rodapé e a transliteração parcialmente preservada com base na tradução livre de empréstimos e estrangeirismos. Na verdade, este fenômeno reflete-se não só na tradução de empréstimos e estrangeirismos em *Terra sonâmbula*, mas também noutros aspectos linguísticos que caracterizam a escrita criativa coutiana, por exemplo, a (re)criação lexical coutiana e os elementos metaforicamente poéticos que se destacam no texto-fonte.

Em terceiro lugar, ao examinar a tradução chinesa de *Terra sonâmbula* realizada por Jin, nota-se que os *habitus* da tradutora vão muito além dos debatidos neste artigo, ou melhor, registam-se o *habitus* social e o *habitus* do tradutor estudioso que se prendem com a historicidade, enquanto o *habitus* da negociação com os agentes (editoriais, por exemplo), pertence ao aspecto generativo. De ressalvar, ainda, que, apesar da nossa análise se ter centrado sobremaneira nos empréstimos e estrangeirismos; em Mia Couto, eles não surgem apenas como recursos linguísticos, mas elementos socioculturais que (re)constroem a moçambicanidade. O desenvolvimento dessa análise não foi, porém, objetivo deste nosso estudo (para outros recursos, ver, por exemplo, Yu, 2025).

Concluindo, numa tentativa de se aplicar a abordagem sociológica bourdieusiana aos Estudos de Tradução da literatura coutiana para o chinês, desenvolveram-se diálogos entre três disciplinas, nomeadamente, a tradução, a literatura e a sociologia. Com o presente trabalho, espera-se que mais reflexões interdisciplinares possam ser desencadeadas, de modo a alargar para outros estudos sobre o tradutor e a tradução das literaturas africanas em língua portuguesa para o chinês.

## Referências

- AA. VV. (2001). Polícia. In *Dicionário da Língua Portuguesa*. <https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=polícia>



- Bassnett, S., & Lefevere, A. (1990). *Translation, History and Culture*. Pinter Publishers.
- Berman, A. (1992). *The Experience of the Foreign: Culture and Translation in Romantic Germany*. (S. Heyvaert, Trad.). State University of New York Press.
- Berman, A. (1995). *Toward a Translation Criticism: John Donne*. (F. Massardier-Kenney, Ed. & Trad.). The Kent State University Press.
- Bourdieu, P. (1972). *Outline of a Theory of Practice*. (R. Nice, Trad.). Cambridge University Press.
- Bourdieu, P. (1985). The Genesis of the Concepts of *Habitus* and of *Field*. *Sociocriticism: Theories and Perspectives II*, (2), 11–24.
- Bourdieu, P. (1990). *The Logic of Practice*. (R. Nice, Trad.). Stanford University Press.
- Bourdieu, P. (1993). *Sociology in Question*. (R. Nice, Trad.). Sage.
- Bourdieu, P., & Wacquant, L. (1992). *An Invitation to Reflexive Sociology*. Polity Press.
- Brookshaw, DR. (2008, June 29-July 2). Some Thoughts on Translating Mia Couto [Paper presentation]. Waltic – The Value of Words. Writers' and Literary Translators' International Congress, Stockholm, Sweden.
- Brugioni, E. (2012). *Mia Couto: representação, história(s) e pós-colonialidade*. Edições Húmus.
- Bucaioni, M. (2020). Quem constrói o “cânone internacional” das literaturas africanas em português? Tradução, instituições e assimetrias Norte/Sul. *Mulemba*, 12(22), 28–48. <https://doi.org/10.35520/mulemba.2020.v12n22a39812>
- Casanova, P. ([1999]2004). *The World Republic of Letters*. (M. B. DeBevoise, Trad.). Harvard University Press.
- Catford, J. C. (1965). *A Linguistic Theory of Translation*. Oxford University Press.
- Cavacas, F. (1999). *Mia Couto: brinciação vocabular*. Mar Além e Instituto Camões.
- Cavacas, F. (2015). *Mia Couto: um moçambicano que diz Moçambique em Português*. Clássica Editora.
- Couto, M. (2017). *Terra sonâmbula*. Caminho.
- Couto, M. (2018). 夢遊的大地 [*Terra sonâmbula*]. (X. Y. Jin, Trad.). Homeward Publishing.
- Delabastita, D. (2010). Literary Studies and Translation Studies. In Y. Gambier & L. Doorslaer (Eds.), *Handbook of Translation Studies* (Vol. I) (pp. 196–208). John Benjamins.
- Even-Zohar, I. ([1978]2000). The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem. In L. Venuti (Ed.), *The Translation Studies Reader* (pp. 192–197). Routledge.
- Gentzler, E. (2009). *Teorias contemporâneas da tradução*. (M. Malvezzi, Trad.). 2nd ed. rev. Madras.
- Gonçalves, P. (1996). *Português de Moçambique: uma variedade em formação*. Universidade Eduardo Mondlane.
- Gonçalves, P. (2012). Contacto de línguas em moçambique: algumas reflexões sobre o papel das línguas bantu na formação de um novo léxico do português. In T. Lobo, Z. Carneiro, J. Soledade, A. Almeida & S. Ribeiro (Orgs.), *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online] (pp. 401–406). Edufba.
- Gonçalves, C., Ferreira, D., Cunha, J., Rodrigues, R., & Rodrigues, V. (2011). O uso do estrangeirismo na língua portuguesa. *Periódico de Divulgação Científica da FALS*, 5(10), 1–32.
- Gouanvic, J.-M. (2002). A Model of Structuralist Constructivism in Translation Studies. In T. Hermans (Ed.), *Crosscultural Transgressions: Research Models in Translation Studies II: Historical and Ideological Issues* (pp. 93–102). St. Jerome Publishing.

- Heilbron, J. (1999). Towards a Sociology of Translation: Book Translations as a Cultural World-system. *European Journal of Social Theory*, 2(4), 429–444. <https://doi.org/10.1177/136843199002004002>
- Helgesson, S. (2016). Mia Couto & Translation. In G. Hamilton & D. Huddart (Eds.), *A Companion to Mia Couto* (pp. 140–156). James Currey.
- Hlibowicka-Węglarz, B. (2021). Algumas observações sobre os empréstimos das línguas bantu no Português de Moçambique. *Études Romanes de Brno*, 42(1), 11–26. <https://doi.org/10.5817/ERB2021-1-2>
- Holmes, J. S. ([1972]2000). The Name and Nature of Translation Studies. In L. Venuti (Ed.), *The Translation Studies Reader* (pp. 172–185). Routledge.
- Huang, L., & Sun, Y. (2022). Traduzir amalgamas em Terra sonâmbula para o chinês: entre estrangeirização e domesticação. *Linguagem & Ensino*, 25(1), 81–103. <https://doi.org/10.15210/rle.v25i1.22194>
- Iglesias, A. (2005). Translating Mia Couto: A Particular View of Portuguese in Mozambique. In A. Branchadell & L. M. West (Eds.), *Less Translated Languages* (pp. 177–187). John Benjamins.
- Johnson, A. (1993). Editor's Introduction: Pierre Bourdieu on Art, Literature and Culture. In P. Bourdieu, *The Field of Culture Production: Essays on Art and Literature* (pp. 1–25). Columbia University Press.
- Koster, C. (2014). Literary Translation. In J. House (Ed.), *Translation: A Multidisciplinary Approach* (pp. 140–157). Palgrave Macmillan.
- Leite, A. (2003). *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais*. Edições Colibri.
- Liang, W.-chun (Wayne). (2016). Translators' Behaviors from a Sociological Perspective – A Parallel Corpus Study of Fantasy Fiction Translation in Taiwan. *Babel*, 62(1), 39–66. <https://doi.org/10.1075/babel.62.1.03lia>
- Liang, Y. (2023). Traduzindo a diversidade linguística e o contexto cultural em *Terra sonâmbula*, de Mia Couto: estratégias de tradução e paratextos na versão chinesa. *Cadernos de Tradução*, 43(especial 3), 209–232. <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2023.e97136>
- Mai, R., Morais, C., & Pereira, U. (2022). *Gramática de língua chinesa para falantes de português*. 2nd ed. Universidade de Aveiro: Instituto Confúcio.
- Maia, I., & Branco, S. (2016). A tradução literária como locus para uma reflexão sobre a influência dos discursos coloniais a partir da análise de *Sleepwalking Land*. *Dominios de Lingua@gem*, 10(3), 957–976. <https://doi.org/10.14393/DL23-v10n3a2016-10>
- Maton, K. (2008). *Habitus*. In M. Grenfell (Ed.), *Pierre Bourdieu: Key Concepts* (pp. 49–65). Acumen.
- Meylaerts, R. (2008). Translators and (Their) Norms: Towards a Sociological Construction of the Individual. In A. Pym, M. Shlesinger & D. Simeoni (Eds.), *Beyond Descriptive Translation Studies: Investigation in Homage to Gideon Toury* (pp. 91–102). John Benjamins. <https://doi.org/10.1075/btl.75.08mey>
- Meylaerts, R. (2010). *Habitus and Self-image of Native Literary Author-Translators in Diglossic Societies*. *Translation and Interpreting Studies*, 5(1), 1–19. <https://doi.org/10.1075/tis.5.1.01mey>
- Nida, E. (1964). *Toward a Science of Translating: With Special Reference to Principles and Procedures Involved in Bible Translating*. E. J. Brill.

- Nogueira, M. (2010). A tradução nas literaturas africanas de língua portuguesa: a posição de Mia Couto. *Cadernos CESPUC de Pesquisa*, (20), 40–47.
- Pasmatzi, K. (2023). Agency on the Margins and Supra-individual *Habitus*: Reframing Translation through the Greek Peritext of Nicholas Gage's Eleni. In D. Faria, M. Pinto & J. Moura (Eds.), *Reframing Translators, Translators as Reframers* (pp. 155–176). Routledge.
- Prunč, E. (2007). Priests, Princes and Pariahs: Constructing the Professional Field of Translation. In M. Wolf & A. Furaki (Eds.), *Constructing a Sociology of Translation* (pp. 39–56). John Benjamins.
- Rosário, L. (1996). *Singularidades: estudos africanos*. Edições Universitárias Lusófonas.
- Sela-Sheffy, R., & Serpa, T. (2022). Como ser um tradutor (reconhecido): repensando o habitus, as normas e o campo da tradução. *Cadernos de Tradução*, 42(1), 1–38. <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2022.e84787>
- Shuttleworth, M., & Cowie, M. (1997). *Dictionary of Translation Studies*. Routledge.
- Simeoni, D. (1998). The Pivotal Status of the Translator's *Habitus*. *Target*, 10(1), 1–39. <https://doi.org/10.1075/target.10.1.02sim>
- Swartz, D. L. (2002). The Sociology of Habit: The Perspective of Pierre Bourdieu. *Occupational Therapy Journal of Research*, 22(suppl.), 61S–69S. <https://doi.org/10.1177/15394492020220S108>
- Timbane, A. (2012). Os estrangeirismos e os empréstimos no Português falado em Moçambique. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 54(2), 289–304. <https://doi.org/10.20396/cel.v54i2.8636607>
- Timbane, A., & Santos, I. (2020). Terra sonâmbula: A (re)construção da identidade do ser africano a partir da língua portuguesa. *Jangada*, 8(2), 298–320. <https://doi.org/10.35921/jangada.v1i16.317>
- Toury, G. (1980). *In Search of a Theory of Translation*. The Porter Institute for Poetics and Semiotics.
- Toury, G. ([1978]2000). The Nature and Role of Norms in Translation. In L. Venuti (Ed.), *The Translation Studies Reader* (pp. 198–211). Routledge.
- Toury, G. ([1995]2012). *Descriptive Translation Studies and Beyond*. John Benjamins.
- Tyulenev, S. (2012). *Applying Luhmann to Translation Studies: Translation in Society*. Routledge.
- Venuti, L. (1995). *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. Routledge.
- Venuti, L. (1998). *The Scandals of Translation: Towards an Ethics of Difference*. Routledge.
- Warrot, A. (2023). Laços e des(laços) na tradução para francês de alguns romances lusófonos (António Lobo Antunes, Mia Couto, Ondjaki, José Eduardo Agualusa, Patrícia Melo). *Revue CERROMAN*, (1), 255–276.
- Wolf, M. (2007). The Location of the “Translation Field”: Negotiating Borderlines between Pierre Bourdieu and Homi Bhabha. In M. Wolf & A. Fukari (Eds.), *Constructing a Sociology of Translation* (pp. 109–119). John Benjamins.
- Xavier, L. G. (2017). *Literaturas africanas em Português: uma introdução*. Instituto Politécnico de Macau.
- Xu, M. H. (2012). On Scholar Translators in Literary Translation: A Case Study of Kinkley's Translation of 'Biancheng'. *Perspectives: Studies in Translatology*, 20(2), 151–163. <http://dx.doi.org/10.1080/0907676X.2011.554610>
- Xu, M. H., & Chu, C. Y. (2015). Translators' Professional *Habitus* and the Adjacent Discipline: The Case of Edgar Snow. *Target*, 27(2), 173–191. <http://dx.doi.org/10.1075/target.27.2.01xu>

Yu, M. (2025). *O tradutor como indivíduo socializado: tradução chinesa de Terra sonâmbula como estudo de caso*. [Tese de Doutorado]. Universidade Politécnica de Macau.

## Notas editorial

### Contribuição de autoria

**Concepção e elaboração do manuscrito:** M. Yu, L. L. Han, L. G. Xavier

**Coleta de dados:** M. Yu, L. L. Han, L. G. Xavier

**Análise de dados:** M. Yu, L. L. Han, L. G. Xavier

**Discussão dos resultados:** M. Yu, L. L. Han, L. G. Xavier

**Escrita - revisão e aprovação:** M. Yu, L. L. Han, L. G. Xavier

### Conjunto de dados de pesquisa

Os dados da pesquisa fazem parte da tese de doutoramento intitulada *O tradutor como indivíduo socializado: tradução chinesa de Terra sonâmbula como estudo de caso* (Yu, 2025), desenvolvida na Universidade Politécnica de Macau (UPM), sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Lola Geraldes Xavier e da Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Lili Han.

### Financiamento

Não se aplica.

### Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

### Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

### Conflito de interesses

Não se aplica.

### Declaração de disponibilidade dos dados da pesquisa

Os dados desta pesquisa, que não estão expressos neste trabalho, poderão ser disponibilizados pelo(s) autor(es) mediante solicitação.

### Licença de uso

Os autores cedem à *Cadernos de Tradução* os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Essa licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial nesta revista. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (por exemplo: publicar em repositório institucional, em website pessoal, em redes sociais acadêmicas, publicar uma tradução, ou, ainda, republicar o trabalho como um capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.

### Publisher

*Cadernos de Tradução* é uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina. A revista *Cadernos de Tradução* é hospedada pelo [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

### Editores do número especial

Xiang Zhang – Li Ye

### Editores de seção

Andréia Guerini – Willian Moura



Cadernos de Tradução, 45(Número Especial 3), 2025, e106566  
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução  
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. ISSN 2175-7968  
DOI <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2025.e106566>

## **Normalização**

Alice S. Rezende – Ingrid Bignardi – João G. P. Silveira – Kamila Oliveira

## **Histórico**

Recebido em: 16-04-2025

Aprovado em: 05-07-2025

Revisado em: 14-07-2025

Publicado em: 09-2025

